

ETHNOLOGIA PORTUGUEZA

AS ADIVINHAS POPULARES PORTUGUEZAS

(Continuação da pag. 254.)

Depois do nosso estudo sobre este ramo da ethnopsychologia portugueza, podemos comprovar duas asserções fundamentaes: 1.^a, que o conhecimento das Adivinhas tradicionaes populares chegou até aos escriptores eruditos. Dom Francisco Manuel de Mello traz nos *Apologos dialogaes* a seguinte Adivinha vulgar em todo o occidente europeu ácerca do **Religio**:

Todos o crêem
Ninguem o adora?

(Op. cit. pag. 7.)

E tambem nas *Cartas familiares* (pag. 339), traz esta outra Adivinha da **Chave**:

Tamanho como um camarão,
Guarda cem moios de pão?

2.^a, que as fôrmas litterarias com que Francisco Lopes revestiu no seculo xvii as Adivinhas, penetraram assim entre o povo, deturpando-se na tradicção, como se nota n'esta versão do Sardoal, que compararemos com a que se conserva no Passatempo honesto:

O sal

Eu fui nascido no mar,
 Sem ser peixe nem pescado ;
 Se eu tornar a minha mãe
 Serei logo consummido,
 Eu vivo só n'este mundo,
 N'este trajo descomposto,
 E sem cantar nem bailar
 A tudo dou muito gosto.

Estes versos que formavam duas quintilhas estão aqui reduzidos a duas quadras, transtornada a rima por falta do apoio estrophico. Reproduzimos outra vez a lição de Francisco Lopes, para que se observe o processo da assimilação popular :

Sem ser carne nem pescado
 Sou dentro d'agua nascido,
 E se depois de creado
 For a minha mãe tornado
 Serei logo consummido.
 E sem tanger nem cantar
 A todos dou muito gosto,
 Que sem mim não ha gostar,
 Mas escondido heide andar
 Em outro trage decomposto.

Os estudos de Machado y Alvarez sobre as Adivinhas Espanholas comparadas com as francezas, e os de Rolland e Sauvé tornam facil o reconhecer a importancia d'estes elementos tradicionaes, em que mais uma vez se verifica a unidade ethnica occidental. Aproveitando-nos de uma valiosa compillação do nosso solícito collecter e amigo Leite de Vasconcellos, podemos ampliar o numero das Adivinhas portuguezas, ajuntando-lhe uma amostra da tradicção brazileira colligida por Sylvio Romero. Começaremos por estas ultimas, transcriptas da *Revista Brazileira* (pag. 272):

O mendubim

43 Caixinha de bem querer,
 Todos os carapinas
 Não sabem fazer?

O ovo

44 Casa caiada
 Lagôa d'agua?

Carta

45 Campo branco,
 Sementinhas pretas?

Melancia

46 Branco não é papel,
 Verde não é mar (limão)
 Vermelho não é sangue,
 Preto e não é carvão?

O beijar

- 47 Branquinho, branquinho,
Reviradinho?

O navio

- 48 Garças brancas,
Em campos verdes,
Com o bico n'agua
Morrendo á sede.
(Ap. Sylvio Romero.)

Os olhos

- 49 Altas janellas,
Abrem e fecham
Sem ninguem bulir n'ellas?

A pulga

- 50 Semente preta,
Terra mimosa,
Salta a semente
Fica uma rosa?

A estrada

- 51 Delgada, delgacella,
Corre villa e Castella?

O lume

- 52 O que é, que é,
Quanto mais come
Tem mais fome?

A formiga

- 53 E negra como o pez,
E agarra como a torquez?

O linho

- 54 Semea-se ás taboinhas
E nasce ás campainhas?

O moinho

- 55 O que é que é,
Que anda sempre á roda
E nunca chega á porta?

A agulha

- 56 Eu na terra fui nascida,
E trago a vida preza,
Se me soltam estou perdida?

A avelã (ave-lã)

- 57 Sou *ave*, pennas não tenho,
Capa de ovelhas me cobre,
Sou criada n'uma arvore,
Coitadinha, sou tão pobre?

A guitarra

- 58 Uma dama tão galante
Nos braços do seu amante,
Com buraco na barriga
E as tripas adiante?

As telhas

- 59 Semea-se aos regos,
Nunca botam grelos?

A abobora

- 60 Semeio latas,
Nascem cordas,
E colho bolas?

1.^a VARIANTE

Semei taboas,
Recolhi toneis,
Adivinhae, bachareis?
(Guimarães.)

2.^a VARIANTE

Semearam-se taboas,
Nasceram papeis,
Colheram-se toneis?
(Pereira, C.º de Barcellos.)

Cabaça

- 61 Que é que é,
Que na bocca tem o pé?
(Carrazeda d'Anciães.)

O moinho

- 62 O que é, que é
Que corre toda a vida
Sem sair do mesmo sitio?
(Pereira.)

A castanha

- 63 D'alto está
D'alto mora,
Dá um riso,
Apanha,
Vae-te embora?
(Guimarães.)

IDEM

- 64 Pae alto,
Mãe raivosa,
Filha saborosa?
(Mondim de Basto.)

IDEM

- 65 De mim nasce uma donzella
Mais formosa do que eu,
Ella vae com quem me leva,
Eu fico com quem me deu?
(Guimarães.)

Ouriço

- 66 Tenho armas, não de fogo,
De que pouco me aproveito,
E quando me rio mostro
O que tenho no meu peito?
(C.º de Val-Passos.)

IDEM

- 67 Alto pecoto
No seu maranhoto,
Cada riso que lhe dá
Cada dente lhe cairá?
(Amarante.)

O repolho

- 68 Capote sobre capote
Não adivinhas este anno,
Nem para o anno que vier
Só se t'ó eu disser?
(Porto.)

Mesa posta

- 69 Sobre pinho
Linho
Sobre linho
Flores;
Ao redor
Amores?
(Carrezeda d'Aniciães.)

Agua, areia e espuma

- 70 São tres cousas,
Uma diz que vamos
Outra que fiquemos,
Outra que dancemos?
(Beira Alta.)

O ovo

- 71 Meu pipinho, meu pipote,
Não tem por onde lhe tire,
Nem por onde lhe bote?
(Cabeceiras de Basto.)

Larangeira e fructo

- 72 Altos castellos
Verdes e amarellos?
(Ovar, Fafe, Chaves, etc.)

Marmelada (mar-me-la-da)

- 73 O marinheiro no mar diz: *mar*;
A cabra no monte diz: *mé*;
O meirinho á porta diz: *lá*,
O pobresinho á porta diz: *dá*.
(Cabeceiras de Basto e Resende.)

Semente de couve

- 74 Uma cousa
Pequena como uma pulga
E dá uma orelha
Que nem uma burra?
(Fafe, Val-Passos.)

O sino

- 75 Uma cousa que tem um dente
E chama por toda a gente?
(Fafe.)

IDEM

Verdeja como o linho
E dá um berro
Que junta todo o povinho?

IDEM

- Alto móra,
Chama a gente
E fica de fóra?
(Agueda.)

A luz

- 76 Do tamanho d'uma abelha
Enche a casa até á telha?
(Vouzella, Mondim de Basto.)

IDEM

Cabe dentro de uma rosa
E enche toda a casa?

Bocca, dentes e lingua

- 77 Uma capellinha muito pequenina,
Com muita gente mendinha,
Sacristão da reboleira
Está mettido no meio d'ella?
(Porto.)

A lingua

- 78 Uma senhora, muito senhorada
Nunca sae de casa
Que não esteja molhada?
(Freixo d'Espada á Cinta.)

A azeitona

- 79 Verde foi meu nascimento
E de luto me vesti,
Para dar a luz ao mundo
Mil trabalhos padeci?
(Penafiel, Gaia, etc.)

O ovo

- 80 Branco como um pombal,
Não tem porta, nem portal?
(Regoa.)

O cão

- 81 Tem rabo e coração,
Adivinha tolo, que é cão?
(Beira Alta.)

Céo, estrellas, sol e vento

- 82 Campo largo,
Vaccas muitas,
Boi formoso
Cão raivoso?
(Famalicão.)

IDEM

Campo redondo,
Ovelhas ao longo,
Pastor formoso
Cadello raivoso?

(Rezende.)

Céo, estrellas, lua e noite

- 83 Campo grande
Semente meuda,
Menina bonita
Cão gadelhudo?
(Amarante.)

O buraco

- 84 Quanto mais se tira
Maior elle fica?
(S. João da Pesqueira.)

O poço

- 85 Redondinho, redondão,
Que está debaixo do chão?
(Entre Rios.)

IDEM

Alto como um pinheiro,
Redondo como um pandeiro?
(Agueda.)

Bengala

- 86 No monte se cria
E vem para a villa
Dar senhoria?
(Pesqueira.)

Cupula da bolota

- 87 Fui á devesa
Do meu visinho,
E cortei um pausinho,
Que não tinha palmo,
Nem meio palmo,
Nem dedo,
Nem meio dedo,
E d'elle fiz um copo
Por onde bello?
(Felgueiras.)

Novello

- 88 Sendo tamanho de um limão,
Sou maior do que um leirão?
(Felgueiras.)

O ovo

- 89 Redondinho, redondoque,
Não tem fundo nem batoque?
(Pereira, C.º de Barc.)

Pente e piolhos

- 90 Tamanho como um cavaco,
Vae buscar os bois ao mato?
(Vouzella, Val-Passos.)

O feto

- 91 O que é que nasce na deveza
Com as mãos atadas na cabeça?
(Balazar, C.º da Povia de Varzim.)

Corda do carro

- 92 Quando vae para o matto
Vae encolhida,
E quando volta
Vem estendida?
(Porto.)

A noz

- 93 Verde como o linho,
Amarga como o fel,
E sabe como o mel?
(C.º de Val-Passos.)

A aguilhada

- 94 Comprida como uma sega,
E tem um dente na corôa?
(Idem.)

A mosca

- 95 O que é que nasce na deveza
E vae comer com o rei á meza?
(Balazar, Anellas.)

A gallinha

- 96 —O que é que bebe e não mija?
«A gallinha.
—Cebo para quem tanto adivinha.
(Rezende, S. Martinho de Marcos.)

As lagrimas

- 97 Agua sem do céu cahir,
Nem na terra nascer
E que se não póde beber?
(Aruellas.)

O moleiro

- 98 Quando não tem agua
Bebe agua;
E quando agua
Bebe vinho?
(Ovar.)

Formiga e ovulos

- 99 Tem pescoço de cabra
Bico de torquez
Branca como a neve,
E preta como o pez?
(Jou.)

A agulha

- 100 Anda de buraco em buraco
Sempre com as tripas a rastos?
(Carrazeda d'Anciães.)

**Rapaz, castanheiro
e cobra**

- 101 Estando o durmo, durmo,
Debaixo do pende, pende,
Vem o curro, curro,
Para matar o durmo, durmo.
Cahiu o pende, pende
Na cara do durmo, durmo,
Acordou o durmo, durmo,
Correu atraz do curro, curro,
Matou o curro, curro,
E comeu o pende, pende?
(Porto.)

Fueiros do carro

- 102 Muitos irmãosinhos
Uns atraz dos outros a andar
Sem nunca se encontrar?
(Pereira.)

Os botões

- 103 São muitos visinhos
Com os mesmos modos,
Que quando um erra
Erram todos?
(Ovar, Açores.)

O caixão do defunto

- 104 No monte se cria
E vem para casa
E dá mais tristeza
Do que alegria.
(Jou e Freixo.)

NOTAS COMPARATIVAS

59 Qu'est-ce qui est labouré, labouré
Et que jamais la charrue n'y est passé?
(Les tuiles d'un toit.)

(Rolland, op. cit. p. 69.)

Un campo bien labrado
No gasta reja ni arado?
(Demofilo, op. cit. p. 387.)

Un camp bien labrado, bien endrijado,
Punta de aladro no hi ha entrado.
(ibid.)

Un camp llabrat,
Punta de rella
No hi ha tocat.
(ibid., p. 387.)

63 Le père est haut; la mère est revêche, et les enfants sont roux. (Le chataignier, la coque et les chataignes.) L. F. Sauvé, *Devinettes bretonnes*, n.º 61. cf. Rolland, *Devinettes ou Enigmes populaires de la France*, 112; e *Melusine*, de H. Gaidez, e Rolland, 18 col. 255.

68 Vestido sobre vestido, vestido de pano fino; no saberas est'ano, nin tampoco o que viñere, hasta que ch'o eu digere. (A cebola). Demofilo, ib. p. 349.)

75 Di Martine, nos *Enigmes populaires siciliennes*, p. 8, n.º xvi;

Supra 'na timpa
C'è 'na cosa pinta;
Né parra, ne senti
E ciama a ghienti?

Em Sauvé, *Devinettes bretonnes*, 66; of, Rolland, 274:

Haut pendu,
Fait courir les gens?

Em Demofilo (Machado y Alvarez.) op. cit. p. 354 e 395 :

Quen c'un dente
Chama pela gente? (p. 345.)

Una vella amb un dent,
Que fa corre tota gente?

77 Em Sauvé, *Dev.*, 116; cf. Rolland, 123 :

Une grande salle; deux rangées de chevaux blancs; un cheval rouge au milieu?

78 Demofilo, op. cit. p. 390 :

Una señoriquita
Ben enseñoricada?
Siempre va en el coche
Y siempre está enojada?

80 Em Sauvé, *ib.* 44; cf. Rolland, 64 :

J'ai une chambrette blanche,
Qui n'a ni porte, ni barre?

84 Em Sauvé, op. cit., 112; cf. Rolland, 26 :

Qu'est-ce qui augmente quand on retire? (Le trou qui fait la tarière.)

90 Un garabin con cien garabiños
Sabe á la llamba y baja rocinos?
(Demofilo, 378.—Asturiana.)

Una tableta como la ma,
Puya ta la montaña
Y en fá baixa'l bestia.
(*Ibid.* 391.—Ribagorzana.)

92 Sai pra fora encollidiño,
E vèu pra casa estiradinho?
—O adival.
(Demofilo, *ib.* 347.—Gallega.)

93 Alta como una casa,
Redonda como una cuba,
Dulce como una mel
Amarga como una fel?
(Demofilo, p. 385.—Ribagorzana.)

95 Qu'ê o que nace na debesa
Vèn à casa e come co'a gente à mesa?
(Demofilo, *ib.* 346.—Gallega.)

98 Em Sauvé, op. cit. 119 :

Se n'ai pas d'eau, et je boirai de l'eau; si j'avais de l'eau, je boirais du vin.

100 Em Sauvé, ib., p. 95 :

Qu'est-ce qui traîne ses boyeaux derrière soi?—Une aiguille.

De burato en burato,
Vai co'as tripas arrastro?

(Demofilo, ib. p. 344.—Gallega.)

101 As versões da Cumieira e Val-Passos, trazem :

Debaixo do pingue-lhe, pingue-lhe,
Estava um dorme-lhe, dorme-lhe,
Veiu um corre-lhe, corre-lhe, etc.

São semelhantes á fôrma gallega :

Debajo d'un pinguele, pinguile,
Estando durmele, durmele,
Ha un fungele, fungele...

(Demofilo, ib. p. 341.)

104 N-o monte nace,
N-o monte se cria
Cando ven a casa
Hai mais choras c'alegria?

(Demofilo, ib. 349.—Gallega.)

Algumas adivinhas já se acham em prosa; mas ainda assim são aproveitáveis para as comparações :

—Duas irmãs; e tanto andam, que nunca chega uma ao pé da outra?—As rodas do carro. (Fafe.)

Quatre qui courent d'une après l'autre sans s'attraper?—Les roues d'une voiture. (L. F. Sauvé, *Devinettes bretonnes*, n.º 105; na *Revue celtique*, n.º 1, vol. iv, p. 88.—Eug. Rolland, *Devinettes ou Enigmes populaires de la France*, p. 218.)

—Que é que é, que vae para o monte com a bocca para casa, e vem para casa com a bocca para o monte?—A espingarda. (Freixo de Espada á Cinta.)

Análoga na fôrma : (Sauvé, ib., n.º 22.)

Qui va la tête en avant pour se rendre à lafoire, et la tête en arrière pour revenir à la maison?—Le chemin.

—Nasce no monte e vem para casa fazer chri, chri!—A dobaidoiro. (Famalicao).

Análoga na fôrma. (Sauvé, n.º 114) :

Qu'est-ce qui germe au bois, et vient à la ville pour y faire du tapage!—Le haut-bois.

—O que é que tem bocca e não falla, tem pernas e não anda; tem c... e não faz; tem azas e não vôa?—Uma panella. (S. João da Pesqueira.)

Em Sauvé, op. cit., p. 68 b., se encontra :

Corps sans boyeux,
Pieds sans ongles,
Oreilles sans tête.

Ten pès e non anda,
Alas é non vóa
Come hasta fartarse
E mais non engorda.

(Demofilo, ib. 318.)

—O que é que é, que passa por agua e não molha o pé?—Um animal no ventre da mãe. (Freixo de Espada á Cinta.)

Em Sauvé, ib., p. 31 a; op. Rolland, 42 :

a) Devine pour toi, devinette,
Qu'est-ce qui traversera la rivière sans être mouillé?—Le veau dans le ventre de sa mère.

b) Devine ce qui va au bois
Sans toucher feuille du pied?
—Le veau, etc.

—Que é que é, um campo redondo, andam lá muitos bois vermelhos, e vae um boi preto deita tudo cá fóra?—O varredouro, que deita fóra as brazas do forno. (Guimarães.)

Eis a fórma gallega :

Qué seran vacas vermellas
Juntiñas en certa chousa;
Entrou unha negra dentro,
Botou-n-as á todas ca fora?

(Demofilo, ib., p. 347 e 381.)

JOHN BULL

A Inglaterra, a quem a Europa deve em politica a peste metaphysico-theologica do constitucionalismo, deu ha pouco tempo ao mundo da sciencia, por intermedio do espirito *pietista* e atrasado do seu parlamento, um d'estes escandalos, que synthetisam a mentalidade de um povo e o amarram por muito tempo ao ridiculo da historia.

Correndo parellas com o caso Braudlaugt, em que a carolice intolerante da nossa *fiel alliada*, como ainda se diz sem pejo no jornalismo monarchico portuguez, representou um papel official, cujo grotesco nós suppunhamos actualmente privativo apenas da Hespanha ou da Turquia, ha agora a lei em que o parlamento inglez prohibe sob penas severas as viviseccões aos physiologistas!

Darwin, o eminente creador da moderna theoria do transformismo, com aquelle espirito ordeiro e pacifico caracteristico dos seus livros mais radicalmente revolucionarios, protesta em carta ao professor Holmgren, de Upsal, publicado no n.º 23 de 4 do corrente da *Revue Scientifique*, contra esta violentissima tolice, mas manifestamente sem grandes esperanças de que as suas tranquilas reclamações sejam por emquanto attendidas.

É realmente espantoso que o parlamento de uma nação que exige para si um dos primeiros logares na vanguarda da civilisação contemporanea, ouse em 1881 votar e fazer executar uma

lei em que, a titulo de piedade christã, se prohibem as experiencias physiologicas nos animaes vivos, quer dizer o mais seguro e o mais fecundo methodo de investigação da physiologia moderna, essa extraordinaria criação scientifica que é positivamente um dos maiores titulos de gloria da medicina do seculo XIX.

E sacrificam-se assim os mais sagrados e indiscutíveis interesses da sciencia, este supremo interesse humano, ás preocupações sentimentaes e idiotas da imbecilidade religiosa, pondo a vida de um cão vadio, de uma rã, de um coelho ou de um porco da India, a salvo do escalpelo investigador dos physiologistas, que pelas suas descobertas nos libertam a nós, e a outros sêres da escala zoologica, de mil flagelos que nos affligem e nos desimam.

Parece-nos tão descommunalmente ridicula e bestial esta prohibição que ousamos crer que nem o proprio parlamento portuguez, apesar de inçado de doutores palavrosos e de metaphysicos banaes, a ousaria votar. Mas votou-a o parlamento inglez no fim do seculo XIX, e o ministerio do sr. Gladstone está-a fazendo cumprir com todo o rigor.

E é esta nação, que dá taes provas de carolice medieval e de incompreensão scientifica, que aspira a dirigir o movimento intellectual do mundo moderno, ella, o grosso John Bull!

O que torna particularmente repugnante este *pietismo* britanico é que ao passo que o parlamento, impellido pelas reclamações sentimentaes de uma opinião publica pueril e beata, vota penalidades ao trabalho scientifico, esse parlamento e essa opinião applaudem e consentem ao governo inglez os maiores attentados contra a vida dos homens, contra a independencia e a dignidade dos povos e contra a fé dos contractos, tolerando e explorando as violencias sem nome do governo da India e em geral de toda a administração colonial da Inglaterra, as vexações autocraticas da Irlanda, a infamissima guerra contra os Boers e mil outras proezas sanguinarias e brutaes, em que Portugal tem como victima um papel de protagonista.

A *piedade* ingleza descende em linha recta da sordida alma de Fallstaff ou de Tartufo: o peso de uma libra esterlina equilibra-lhes um mundo de justiça.

É uma nação de caixeiros carolas e brutos com pretensões a doutores em metaphysica.

Que dirão a estas vergonhas os raros espiritos inglezes emancipados da imbecilidade protestante, os Spencer, os Maudsley, os Tyndall e os Crook?

A EDADE DO COBRE EM PORTUGAL ¹

A península iberica, XII a XV seculos antes de Christo, quando começam a raiar os primeiros raios de luz historica, apresenta os seguintes factos, que são o seu genesis historico; ao norte nos Perineus as luctas dos Iberos com os Celtas; ao sul a chegada dos primeiros navios phenicios ás costas occidentaes.

A familia iberica, que occupava os Perineus e vertentes para o lado das Galias era distincta da familia celtica. Eram de sangue iberico os Aquitanos e os Liguros. Eram de sangue gaulez os Galos e os Kimris. Cesar com um dos admiraveis traços na sua historia — *De bello gallico* — nos esclarece este ponto de ethnologia tão obscuro, quando diz no livro 1.º — *II, qui lingua sua celtæ, nostra Gali apelantur* — Celtas era o nome nacional, mas os romanos os denominavam *Galos*, e os gregos, *Galatas*.

Povos, pastores e caçadores, quando se avistaram e aproximaram, luctaram; depois da lucta veio a associação, da qual se formou a nação celtiberica (*Diod. Siculo v. 32, App. bel. Hisp., Lucano Phars. citados por Amadeu Thierry, liv. 1.º, cap. 1*).

Aberto o caminho da península vieram numerosas migrações d'estes povos de tribus desconhecidas, mas da mesma familia dos Galos, e as que desceram para o oceano deram o nome a Galiza

¹ Para o Congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas em Lisboa. — Resposta á Questão v *D'après quels faits peut on reconnaître la transition de l'age de la pierre polie, à celui du cuivre, ou des metaux en Portugal.*

e pouco depois elles estavam senhores de metade da península, e se foram associando com os povos do interior (*Herod. Strab.*, e outros citados por Amadeu Thyerri, liv. 1.º, cap. 1).

É esta a primeira invasão historica, a mais antiga da península iberica effectuada pelo lado dos Perineus. A chegada d'estes povos fez emigrar alguns outros, que não quizeram associar-se, como a nação dos Sicanos de sangue ibero, que foi a primeira, que penetrou nas Galias por este lado, e entrou depois na Italia pelo lado do Mediterraneo. (Amadeu Thyerri liv. 1.º)

No sul a chegada dos Phenicios pouco alterou o regimen dos antigos povos do interior. Os Phenicios não queriam a conquista, queriam commerciar, e nas costas maritimas tinham os seus escritorios e basares. Attrahidos á península pelas riquezas metalicas estabeleceram nas costas maritimas, desde as columnas de Hercules (Gibraltar), o non plus ultra da navegação antiga, a esse tempo, as suas mercadorias, e os variados generos do Oriente eram accumulados n'estas feitorias, levados por todo o Mediterraneo, e trocados por metaes e generos do paiz.

Um dos seus estabelecimentos mais importantes foi Cadiz a embocadura do Mediterraneo, mas a sua civilisação se estendeu pelas costas maritimas da Iberia ás Galias, até á Italia. Os beneficios d'esta civilisação phenicia ficaram personalisados e deificados no Hercules phenicio, viajante incansavel, não recuando ante os perigos, e espalhando por toda a parte os beneficios d'esta civilisação.

Nas Galias na embocadura do Rodano destroe os inimigos Albion e Ligur, montanhezes ferozes; o fructo d'esta victoria é a fundação de Nemesus (Nimes) (*Strab, Mella* e outros citados por Amadeu Thyerri, liv. 1.º, cap. 1).

A Italia se liga á Galia e á Iberia pela garganta de Tende nas inacessiveis montanhas dos Alpes por uma estrada, obra prodigiosa e colossal pela solidez da sua construcção, e fôra a primeira estrada que se abriu na Europa, e que mais tarde serviu de modelo ás vias posteriores dos Mesalotes e dos Romanos (*Polib. L. III*).

Quando os Phenicios aportaram ás costas da Iberia estes povos estavam no uso da pedra polida, idade neolitica, como se prova pela exploração das differentes cavernas em Portugal e Hespanha.

Não ha dados positivos para affirmar se os povos que habitavam a zona copifera do Tejo ao Oceano exploravam o muito cobre, que aflorava a superficie; é certo que só depois da vinda dos Phenicios começou a ter maior desenvolvimento a exploração das minas. Os recémchegados vinham das regiões aonde a exploração do cobre se fazia em grande escala, quando os Egypcios na força da sua civilisação exploravam as minas do Sinai, tão celebres na alta antiguidade (Masperô).

O periodo do cobre na peninsula data da chegada dos Phenicios ás costas do Mediterraneo; não foi longo, porque a passagem do cobre para o bronze foi pouco depois, quando houve o maior desenvolvimento da navegação dos Phenicios para o norte da Iberia pelo lado do Oceano, quando aportaram ás ilhas, que depois os Gregos denominaram Cassiterides, ou mais adiante na Britania Cornwall. A epoca do bronze começou pela adopção do estanho. Cadiz era um grande deposito metalurgico, aonde os Phenicios tinham grandes fundições, que se foram espalhando pelo Mediterraneo; os das Baleares e de Sardenha eram optimos fundidores de bronze. (Strab. Geogr.)

O desenvolvimento das republicas gregas na Italia, e depois no Mediterraneo, a guerra civil em Tyro, a separação da familia phenicia, a fundação de Carthago deram causa á decadencia dos Phenicios. Não pertence a esta limitada memoria a narração d'estes factos. É certo que nos principios do sexto seculo antes de Christo este poder colossal tinha desapparecido da peninsula iberica; e dos seus estabelecimentos uma grande parte tinham passado para as mãos dos carthaginezes, e entre outros o principal Cadiz.

O genio colonizador de Tyro revive em Carthago do seu sangue; estes porém não se contentavam só com o commercio, queriam tambem a conquista. As empresas maritimas de Hanon e Hamilcar excedem o valor maritimo, e a sciencia nautica de todos os povos de antiguidade, se não fôra a sua politica ambiciosa, a rivalidade de Roma e as guerras colossaes d'esta com Carthago, estes intrepidos navegantes chegando a Tenerife, e dobrando o Cabo Bojador talvez descobrissem dois mil annos antes o continente do novo mundo.

No dominio carthaginez a peninsula iberica entrou no uso do ferro. Os exercitos das duas republicas rivaes combatiam com armas de ferro.

S. R. FERREIRA.

OS DOZE DE INGLATERRA

ESTUDO CRITICO-HISTÓRICO

Ouvi; que não vereis com vãs façanhas
Phantásticas, fingidas, mentirosas
Louvar os nossos, como nas extranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.

Pois pelos Doze Pares, dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e seu Magriço...

LUSIADAS I, est. 11 e 12.

I

O sr. dr. Theophilo Braga revelou ao publico, por informações recebidas, a existencia na Bibliotheca do Porto, de uma relação do principio do seculo XVI sobre os *Doze de Inglaterra*, mas não pôde verificar a realidade d'ella ¹.

Houve com effeito uma relação do successo, não do principio do seculo XVI, mas muito anterior, porque é contemporanea do facto.

Conforme o mesmo senhor, é em Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial*, etc. (cap. 46.^o), que pela primeira vez se acha citada a tradição dos *Doze de Inglaterra*. O numero dos cavalleiros portuguezes é porém ali elevado a treze.

Um outro escriptor do mesmo seculo é mais explicito.

Mariz, nos seus *Dialogos de Varia Historia*, pela primeira vez publicada em 1594, referindo-se a uma relação contemporanea, *Chronica antiqua hujus temporis*, traz a seguinte narrativa, a mais explicita, e de certo a fonte de quantas conhecemos:

¹ *Historia de Camões*, parte II, liv. II, cap. 2.^o, pag. 432.

«Em tempo d'este rei (D. João I), aconteceu tambem aquelle grande feito em armas dos *Doze de Inglaterra*, a que o nosso Camões deu egual gloria á que mereciam. Porque sendo n'aquelle tempo em Inglaterra algumas damas do paço motejadas pelos cavalleiros inglezes de muito feias, e pouco para serem amadas, e taes, que nenhum cavalleiro por força de armas lhes ousaria contradizer isso, e mostrando ellas egual sentimento á magoa que tinham de não haver cavalleiros no reino, que com estes se ousassem combater, por serem os melhores e mais esforçados de todo elle. A isso acudiu o Duque de Lancastre, que presente se achava, á petição d'ellas, dizendo-lhe estas palavras: «Eu em minha còrte não acho cavalleiros, que se queiram combater com este outros, porém dar-vos-hei um conselho se vós quizerdes, e é tal. Quando eu andei em Portugal vi na batalha, que el-rei meu genro deu a el-rei de Castella muitos e bons cavalleiros em feitos de armas; se vós quizerdes, eu vos nomearei *Doze*, os quaes eu conheço, e escreverei a el-rei meu genro, que lhes dê licença, se elles quizerem tomar esta empreza, e vós escrever-lhes-heis a cada um sua carta, e eu tambem, e querendo elles vir, sereis satisfeitas de vossa injuria. Então fez logo o duque escrever os nomes d'aquelles, que lhe pareceram, cada um em seu papel, e os nomes d'ellas da mesma maneira; lançaram sortes, e aconteceu a cada cavalleiro sua dama, que eram doze as mais aggravadas, de maneira, que pelo nome sabia já cada dama, qual era o seu cavalleiro pela sorte que lhe acontecêra. Depois d'isto, fazendo ellas e o duque a cada um sua carta, e havida licença de el-rei de Portugal, e por elles alegremente aceitado o partido, todos se pose-ram ao caminho; onze d'elles se embarcaram em a cidade do Porto, e um se foi por terra, para mais á sua vontade exercitar as armas, mas com protesto, que se a vida lh'o não atalhasse, elle seria com elles ao dia aprasado, que era pelo Espirito Santo. Estes cavalleiros, se affirma, que eram os mais d'elles dos logares, que estão pelas faldas da Serra da Estrella, e que um se chamava Alvaro de Almada, outro Alvaro Gonçalves Magriço, outro Pacheco, outro Pedro Homem, e outros. Dos quaes, chegados os onze a Inglaterra, dois dias antes do Espirito Santo, todas as damas estavam mui contentes com taes defensores de sua honra; senão aquella, a que coube em sorte Alvaro Gonçalves Magriço, que era o que por França caminhava. Mas a esta tristeza accudiram os onze, promet-endo-lhe, que quando a morte impedisse seu companheiro (porque só isso o podia fazer) elles se combateriam por todas e cada um d'elles tomaria á sua conta o desaggravo d'esta dama. Estando n'estas desconfianças, chegou o cavalleiro, e junto com os companheiros, assegurando o campo, e ordenadas as mais cousas em

taes actos de armas costumadas, feitos grandes cadafalsos, em que grandissimo numero de gente estava presente em a cidade de Londres, Metropole de Inglaterra, entraram os competidores, e de novo se desafiaram. Então começaram de se combater primeiro com maças de ferro, e depois com espadas; de modo, que a batalha foi mui cruel, e tão dura e bem pelejada, que começaram pela manhã, e á hora de terça descançaram; e quando veio a segunda batalha, apertaram os portuguezes tanto com elles, que os lançaram do campo, com oito d'elles mui mal feridos, em que fizeram grandes provas em armas, e se deram golpes, que poseram espanto a todos os que os viam. E assim do duque, como dos fidalgos, e mais gente foram os portuguezes victoriosos mui louvados, e acompanhados com grande alegria e das damas recebidos, como taes obras mereciam. Feito isto, os nove se tornaram a Portugal, e os tres ficaram por aquellas partes, fazendo taes obras em armas, que um d'elles alcançou de el-rei de França o condado de Abranches em França, pelas obras que em seu serviço fizera. Este é o que depois veio a morrer na batalha de Alfarrobeira, como adiante diremos.»

Antes de proseguirmos, observaremos que os termos latinos da referencia de Mariz não significam que a Chronica ou Relação fosse escripta em latim, porque outras muitas referencias, em termos semelhantes, costuma elle fazer a obras conhecidamente portuguezas.

Foi Mariz quem escreveu a introdução biographica á edição dos *Luziadas*, commentada por Manuel Correia e por este publicada em 1613.

É portanto ao que fica transcripto de Mariz, que se deve referir o que Manuel Correia diz com respeito aos Doze de Inglaterra.

Depois de Manuel Correia, e ainda na primeira metade do seculo xvii, escreveu sobre o assumpto Manuel de Faria e Sousa, commentando os *Luziadas*.

Em nenhum d'estes escriptores apparece ainda o catalogo dos Doze ¹.

Camões, já na estrophe transcripta em epigraphe, já no episodio

¹ Faria de Sousa, diz no Comm. ao Canto vi, estr. 43: «Yo quando no huviera visto un papel antiguo deste successo, le tuviera por verdadero forçosamente, etc.» E commentando a estr. 50 «Ademas de los auctores conocidos en que lo hallamos siendo el ultimo Manoel Soeiro, en los *Anales de Flandes*, hubo en nuestro poder un papel antiguo, en que toscamente se referia este caso, que tienen per apocryfo algunos escrupulosos...»

dos *Doze* (vi, 43 a 69), mostra a mais sincera crença na veracidade do facto

Consentem n'isto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva,
•Contarei (disse) um que me reprimam
De contar cousa fabulosa ou nova.

O caso succedeu no espaço que decorre desde a terminação da guerra entre o duque d'Alencastre e el-rei de Castella:

... «Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras iberinas,
Dos lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
etc.

e a morte do mesmo duque, que foi quem indicou os doze cavalleiros portuguezes.

D. João I, rei de Castella, com quem o duque teve guerra, morreu em 9 de outubro de 1390.

D. Catharina de Lancastre, filha do duque e pertensora ao reino de Castella, em virtude da paz e tratados, casou em 1393 com Henrique III, nascido em 4 de outubro de 1379.

Parece ter sido a pouca idade d'este principe a causa de só n'aquelle anno se effectuar o casamento.

O duque João de Lancastre morreu em 1399. (*Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal*. — Lisboa, 1838, pag. LXXI.)

Assim foi na ultima década do seculo XIV que teve logar o successo.

O auctor do *Mappa de Portugal* marca o anno de 1390.

A nota marginal nos *Dialogos de Mariz* indica o de 1396, talvez com mais segurança.

O que é fóra de toda a duvida, é que o caso não se pôde protrahir áquem de 1399, anno em que, como dissemos, morreu o duque, que tão vitalmente n'elle interveio.

Por mais valor que se queira dar ás queixas tão frequentes em nossos escriptores de descuido nos portuguezes em escreverem os feitos de heroicidade patria, é indubitavel o costume geral de se fazerem relações particulares dos feitos extraordinarios.

Essas relações foram a principal fonte da historia da nossa vida ultramarina.

A chamada *Chronica de Guiné*, de Azurara, as *Decadas* de Barros e as de Couto denunciam positiva e frequentemente esta origem.

A franqueza de Couto vae mais além; é com frequencia que elle se queixa de que essas relações occultem intencionalmente os nomes dos auctores dos feitos heroicos que narram.

A sua indignação n'esta parte foi até produzir duas paginas eloquentes, que contêm uma revelação importantissima; são paginas consoladoras e o mais valioso e acceitavel de quantos commentarios se possam oppor áquelle celebre verso da proposição dos *Luziadas*:

Que eu canto o peito illustre lusitano,

Vê-se por ellas que o verdadeiro valor portuguez no Oriente foi anonymo.

Vê-se que a raça dos heroes portuguezes ali não foi exclusivamente a dos Albuquerque, Castros, Barretos e outros, hoje extinctas ou degeneradas; foi a raça popular, perpetua, como a familia dos Atridas, foi — *o peito illustre lusitano!*

Eis essas paginas admiraveis:

A primeira diz respeito a um soldado companheiro do grande Heitor da Silveira na costa de Cambaia.

A segunda refere-se aos grandes feitos praticados nos cêrcos de Columbo e de Cota, na Ilha de Ceylão, em 1563.

«Um soldado dos nossos, homem não conhecido, e sem nome (a que muito desejámos de o saber, para lh'o darmos muito honrado n'esta historia), adiantando-se um pouco com uma lança e rodela, esperou um mouro de cavallo a pé, que des que vio n'elle romper seu encontro com a lança alta, o soldado correu a sua, e o tomou por debaixo do braço da lança, e passando-o todo, deu com elle no chão; e ainda não estava bem n'elle, quando já o soldado (que lhe levou logo as redeas do cavallo na mão) saltou em cima com muita ligeireza e ar, e enrestando a lança voltou a outro de cavallo que remettia com elle, e o levou pelos peitos, dando com elle de pernas acima muito mal ferido, a que os nossos deram uma grande apupada e logo surriada da espingardaria. O soldado em derribando o mouro, remetteu ao cavallo, e o tomou pelas redeas, e com muita confiança se veio recolhendo para Heitor da Silveira cavalgando em um, e com outro a dextro; e chegando a elle lhe pediu o armasse cavalleiro, o que elle logo estava. Louve agora Livio o seu Marco Corvino, por matar um francez em desafio, por cujo feito lhe mandou Octaviano Augusto alevantar estatua em meio de seus aposentos. Engrandeça o seu Torquato pelo colar que tomou a outro, que eu não farei mais que contar singelamente estes e outros feitos semelhantes, mais dignos de estatuas, que os dos seus romanos. Mas o tempo que deixo de gastar em seus louvores, gastarei em estranhar o descuido dos reis n'essa parte, que a estes taes nem com estatuas, nem com pão satisfizeram nunca seus feitos; pelo que muitos, e muito valerosos cavalleiros que obraram façanhas dignas de memoria eterna, estão hoje tão

postos em esquecimento, que até os nomes se lhes não sabem, como a este nosso cavalleiro, que por este feito não teve mór galardão, que emquanto Lopo Vaz governou depois d'isto chamou-lhe o seu cavalleiro, e tel-o na igreja a par de si em pé; e depois que acabou, pôde bem ser que o acabasse também a fome.»

(Conto, Dec. 4, Liv. 5, Cap. 6; pag. 363 da edição de 1782).

«E a cousa de maior espanto, e em que deseja de gastar muitas mãos de papel, é, que essa nossa gente a maior d'ella, ou quasi toda eram soldados, d'antre Douro e Minho, da Beira e de Traz-os-Montes, homens não conhecidos, nem de appellidos usurpados, senão creados pobre, e rusticamente mal vestidos, e peor atados. Mas por certo que por elles se podia dizer, o que se já disse por César, que se guardassem d'aquelle mancebo mal cingido. Assim d'estes nossos portuguezes, a quem a falta de sangue encobriu o grande valor do espirito, se podia dizer: «Guardae-vos d'aquelles esfarrapados, e d'aquellas espadas ferrugentas, porque alli vão outros Cesares». E assim vieis um d'estes posto de barba a barba contra muitos dos inimigos, e cortal-os com tanto valor, e esforço, que vos mettia medo, e causava grandissimo espanto, e endireitar com um elefante bravo, que poderia fazer recuar todo um exercito, e fazel-o virar para traz, como se fôra outra alimaria mais brava, e mais feroz que ella. E estes de que fallo são os que acabaram na India os mais dos feitos arriscados, que n'essa se commetteram; e os que n'esta ilha de Ceylão sustentaram este e outros cercos, de que se puderam fazer muitas escripturas, se o tempo e o descuido lhe não tivera sepultados os nomes, e com elles os feitos.

(Couto, Dec. 7, Liv. 10, Cap. 14, pag. 553 da edição de 1778).

II

Tomando a narrativa de Mariz como a mais fiel expressão da relação primitiva, vemos que ella apenas menciona Alvaro d'Almada, Alvaro Gonçalves Magriço, Pacheco e Pedro Homem.

Quatro nomes apenas!

Esta quasi anonymia é, como vimos, uma das feições características de relações semelhantes, e por isso uma prova importantissima da sua authenticidade.

O catalogo dos *Doze* apparece em nota marginal na edição dos *Dialogos de Mariz* de 1758, mas de tal sorte contrasta com o

texto, que o temos por apocripho, e mesmo só pela primeira vez apposto a elle n'aquella edição.

A primeira vez que o catalogo completo appareceu em publico foi no opusculo de Ignacio Rodrigues Védouro — *Desafio dos Doze de Inglaterra*, em 1732.

Já em 1724 havia sido accusada a existencia d'este catalogo em uma *Miscellanea ms.*, existente na livraria do conde de Vimeiro desde os fins do seculo anterior.

Quem seria o seu auctor?

Védouro, aponta como fontes do seu opusculo os *Luziadas*, com os commentarios de Manuel Correia e de Faria e Sousa; cita mais o 2.º conde da Ericeira, D. Fernando de Menezes, 1614-1693.

Ora, não se encontrando o catalogo nos *Luziadas*, nem nos commentadores citados, resta, por exclusão de partes, attribuil-o a D. Fernando de Menezes.

A celebridade do caso, principalmente depois do episodio dos *Luziadas*, devia excitar a vaidade nacional e aristocratica, a completar o catalogo dos *Doze*, de que apenas quatro eram os nomeados.

A erudição historica de D. Fernando de Menezes era grande, mas trabalhos de tal natureza, por maior pericia que tenha seu auctor, não se construem nunca com solidez.

São poucos os elementos de estudo que n'este lugar possuímos para uma analyse completa dos *Doze*, mesmo assim diremos bastante para prova da nossa affirmativa.

Observaremos ainda que devêram elles ser, desde a guerra com Castella em ajuda do duque de Alencastre, anterior a 1391, assás distinctos n'ella e conhecidos do duque.

1.º — Alvaro de Almada, o Justador.

José da Fonseca na sua edição dos *Luziadas*, Paris, 1846, em nota correspondente, suprimiu este nome, substituindo-o pelo de João Fernandes Pacheco.

A qualificação de *justador* encontramol-a apenas dada pelo auctor do *Mappa de Portugal*.

2.º — Alvaro Gonçalves Coutinho, o Magriço.

Foi este cavalleiro filho de Gonçalo Vasques Coutinho, o primeiro marechal que houve em Portugal, feito por el-rei D. Fernando em 1382, e que ainda tomou parte na conquista de Ceuta, em agosto de 1415.

Foi seu irmão o primeiro conde de Marialva.

A condessa de Flandres, a quem dizem fizera um notavel serviço em um desafio particular, por se ter deixado ficar por lá, querem alguns que fosse a nossa princeza D. Isabel, que em janeiro de 1430 se recebeu com Filippe o bom, duque de Borgonha e conde de Flandres.

Parece pouco verosimil que fosse esta senhora a condessa referida, a não se ter ali deixado ficar de vez Alvaro Gonçalves.

Por outra parte, o silencio, a tal respeito, da relação contemporanea da casa dos *Doze*, não exclue esta possibilidade.

O primeiro que sabemos refere este serviço como feito á nossa infanta, foi A. de Villas-boas, na *Nobiliarchia*, artigo *continhos*.

Francisco Soares Toscano, nos *Parallelos*, diz que o desafio fôra com mr. de Lansay, e que tivera logar em Orleans, diante de el-rei de França.

3.º — Alvaro Mendes Cerveira.

Foi á conquista de Ceuta, em 1415, e ali ficou por capitão dos escudeiros de Evora e Beja.

4.º — Alvaro Vaz d'Almada, 1.º conde d'Abranches, (terra de França), morto em Alfarrobeira, em 1449.

Teve por irmão Pero Vaz d'Almada, e foi filho de João Vaz de Almada, neto de Vasco Lourenço e bisneto de João Armês de Almada, védor da fazenda de el-rei D. Fernando.

Diz Duarte Nunes (*Descrição de Portugal*, pag. 311) que João Vaz d'Almada, por differenças que tivera com Gonçalo Pires Malafaiá, regedor da casa do cível, esperando-o, afrontando-o e ferindo-o á saída da Relação, se fôra para Inglaterra com estes uns filhos; que acompanharam el-rei em uma jornada que fez a França,

sendo grande parte na tomada de Ruão (1431) e ganhando a ordem da cavallaria da Garrotea.

Diz mais que João Vaz viera por embaixador a Portugal, a tratar do casamento de D. Beatriz, filha natural de D. João I, com Thomaz, conde de Arundal (1405), e que voltára a Inglaterra, onde morrera, sendo seus ossos trazidos para o jazigo de seu pae e avô em uma capella de S. Francisco de Lisboa.

Fallando depois particularmente de Pero Vaz d'Almada, diz que na ida com el-rei á jornada de França, desbaratára os francezes que levavam o corpo do duque do Clarence, irmão de el-rei, e o restituira aos seus, «o qual feito d'armas foi mui louvado dos inglezes, e cantado em *romances* seus», mas saindo mal ferido da batalha morrêra em Paris, que estava pelos inglezes.

De Alvaro Vaz de Almada diz que fôra um dos mais insignes e famosos cavalleiros que em seu tempo houvera na Europa, de quem se podêra fazer grande historia, como se veria nas chronicas de D. João I, D. Duarte e D. Affonso V, «porque em todas as cousas grandes d'aquelles tempos se achou, porque em Inglaterra ganhou a honra da cavallaria da Garrotêa, em França o condado de Abranches, e em Italia e na Turquia em serviço do imperador Sigismundo muitas honras e mercês de que em outro lugar faremos menção». Duarte Nunes propunha-se a escrever um tratado sobre os varões illustres de Portugal, como em varios logares da sua descripção manifesta.

A noticia que dá Mariz de Alvaro Vaz de Almada, a proposito da morte do infante D. Pedro é digna de transcripção. Eil-a: «Foi acompanhado na morte, e sentimento de muitos fidalgos, amigos e criados, e entre todos foi mais famoso o conde de Abranches, D. Alvaro Vaz de Almada, de quem dizia o infante D. Henrique, que não sómente Portugal, mas toda a Hespauha se devia de ter por mui honrada em criar tal cavalleiro. Ao qual, andando em seu esquadrão, na maior furia do trabalho, foi dito, que o infante era morto. E porque, segundo depois se soube, elle, e o infante tinham feito entre si pacto jurado de morrer um quando o outro ainda que esta nova por esta rasão era a da morte, não perdeu o animo, antes saindo-se fôra da batalha, determinado já no que depois fez, comeu e bebeu, e acrescentou mais armas: com as quaes á pé, e novo coração, e forças renovadas se tornou á batalha, que ainda os soldados do infante, ignorando essa morte, sustentavam: e tanto fez contra seus inimigos, que cansado de matar, e ferir n'elles, sem em seu corpo receber alguma ferida, sendo d'um exercito todo accommettido, vendo-se já do muito trabalho quasi sem alento, disse em altas vozes estas palavras: Oh corpo, já sinto, que não podes mais, Tu, minha alma, já tardas; ora fartar

rapazes, ou, como alguns dizem, ora vingar villanagem. E com isto se deixou cair em terra, com os braços abertos, e sem armas, onde como se fôra algum bravo leão, que ainda depois de morto é temido, foi accommettido dos mais esforçados do exercito, e tão mal tratado, que um d'elles, e não dos menores amigos na vida, lhe cortou a cabeça, e a levou a el-rei com esperança de mercê. E aquelle tronco, nunca vencido, foi logo feito pedaços, e sem sepultura despresado, até que a requerimento de seu irmão bastardo João Vaz de Almada, veador da fazenda de el-rei, foi enterrado honradamente».

Agora convem notar que sendo Avranches um condado de Normandia, d'ahi veiu dizer-se que Alvaro Vaz de Almada recebêra d'el-rei de França o titulo d'elle.

Foi o visconde de Santarem o primeiro que, em nota a pag. 30 da *Chronica de Guiné*, restabeleceu a verdade, attribuindo a el-rei d'Inglaterra essa nomeação e a de cavalleiro da ordem da Jarreteira, depois da batalha de Azincourt (1415).

Foi, porém, ao sr. Frederico F. de la Figanière, que coube o divulgar documentos encontrados nos archivos de Inglaterra, relativos ao assentamento do conde de Alvaro Vaz de Almada, com data posterior a 1440, e portanto já mui chegados a sua morte. (Veja-se o *Panorama*).

Notaremos mais que a causa da saida de Alvaro Vaz d'Almada para Inglaterra é sem verosimilhança, pelo que logo se verá com relação a Gonçalo Pires Malafaia, que só foi regedor da casa da Supplicação depois de 1457.

Ainda, porém, recentemente um distincto escriptor nosso, o sr. A. Albano da Silveira, na sua *Resenha das Familias titulares de Portugal*, verbo *Almadas*, volta a attribuir a nomeação do conde de Avranches em Alvaro Vaz de Almada, a Carlos VI, de França, entre 1434 e 1449!

5.^o — João Pereira Agostinho.

Foi sobrinho do condestavel e filho de Gil Vasques da Cunha, senhor de Basto. Ha quem afirme que Gil Vasques fôra um dos cavalleiros que foram á tomada de Ceuta, mas Duarte Nunes, *Descripção de Portugal*, cap. 87, diz que Martins Vasques da Cunha e seus irmãos Gil Vasques e Lopo Vasques, terminada a guerra com Castella, e mal premiados por D. João I, se passára para aquelle reino, ao serviço de Henrique III, que fizera a Lopo

Vasques, conde de Bom-dia, e a Gil Vasques dera as villas de Bôa e Mansilha.

De Martins Vasques foi filho Rodrigo Telles Giron, que de sua mulher D. Maria Pacheco, filha de outro expatriado, João Fernandes Pacheco, houve os dois maiores senhores de Hespanha, que logo mencionaremos. João Pereira Agostinho foi á conquista de Ceuta, onde depois ficou por capitão de trezentos escudeiros.

6.º — Lopo Fernandes Pacheco.

Foi irmão de João Fernandes Pacheco, de quem logo faremos detida mensão.

7.º — Luiz Gonçalves Malafaia.

Foi irmão de Pedro Gonçalves Malafaia, e ambos filhos de Gonçalo Pires Malafaia, o primeiro que usou d'este appellido, filho de Pedro Annes Fafião, senhor da honra de Malafaia e de D. Sancha Gil de Avellar,

Foi Gonçalo Pires senhor de Bellas, vedor da fazenda e regedor das justiças, apoz D. Fernando da Guerra, fallecido em 26 de setembro de 1457.

Sucedeu-lhe no cargo de regedor D. Alvaro, que já o era em 1473. (Veja o *Catalogo da Casa da Supplicação depois do seu estabelecimento e fundação*, por Francisco José da Serra Craesbeck de Carvalho, inserto no *Repertorio das Ordenações*, edição vicentina, Lisboa, 1754, verbo *Regedor*.)

Pedro Gonçalves Malafaia foi á conquista de Ceuta, e depois foi vedor da fazenda e embaixador a Castella. Foi casado com D. Isabel Gomes da Silva, filha de João Gomes da Silva, segundo senhor de Vagas e alferes mór, que morreu em 16 de março de 1445.

Luiz Gonçalves Malafaia foi celebre por suas embaixadas a Castella, em tempo de el-rei D. João II, isto é quasi um seculo depois do caso dos *Doze de Inglaterra!*

8.º — **Martim Lopes d'Azevedo.**

Foi filho de Lopo Dias de Azevedo, senhor da casa de Azevedo, etc., e que esteve na batalha de Aljubarrota, e de sua mulher D. Joanna Gomes da Silva.

Martim Lopes militou em Ceuta no tempo do conde D. Pedro de Menezes e lá morreu.

Houve seis ou sete irmãos, todos mui distinctos, entre elles Luiz d'Azevedo, vedor da fazenda, e um dos poetas do *Cancio-neiro*. Este sobreviveu ao desastre de Alfarrobeira, em 1449, e, como amigo do infante D. Pedro, lastimou a sua morte em uma poesia. Sr. Theophilo Braga, *Poetas Palacianos*, etc., 1872, pag. 144 e seguintes.

9.º — **Pedro Homem (da Costa).**

10.º — **Ruy Gomes da Silva**, fronteiro em Ceuta, depois alcaide-mór de Campo Maior e Ouguella, e senhor da Chamusca e Ulme. Foi casado com D. Isabel de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, primeiro governador de Ceuta e segundo conde de Vianna, etc. Parece-nos que Ruy Gomes fôra o primogenito de Ayres Gomes da Silva e de D. Brites de Menezes, sendo seu irmão segundo Fernão Telles de Menezes, fallecido em 10 de abril de 1477.

De Ruy Gomes foram filhos :

D. Diogo da Silva, primeiro conde de Portalegre, pae do segundo conde do mesmo titulo, e de D. Miguel da Silva, celebre bispo de Vizeu.

D. João de Menezes da Silva, o Beato Amadeu, que saiu para Italia em 1452, com a imperatriz D. Leonor, filha de el-rei D. Duarte, a quem votára os seus affectos. Alli fundou a ordem dos *Amadeus*.

D. Beatriz da Silva, instituidora da ordem da Conceição em Castella.

Nasceu em 1424 e morreu em 1490.

Do segundo conde de Portalegre foi filho D. Jorge da Silva, que por correspondencia sustentada com o tio D. Miguel, depois da fuga d'este para Roma, foi degradado para Arzilla, onde morreu, *sem lhe valer a protecção da infanta D. Maria!* Foi pois este, a

nosso ver, o amante d'aquella princeza, a quem se refere o —
perdigão perdeu a penna!

Veja Sousa, *Annaes de D. João III*, pag. 325, e o bispo Lobo, obras, tom. 1, no *Catalogo dos bispos de Vizeu*, em que trata de D. Miguel.

11.º — Ruy Mendes Cerveira.

12.º — Soeiro da Costa.

Azurara, na *Chronica de Guiné*, pag. 235 e seguintes, faz menção especial d'este cavalleiro, nos seguintes termos: «Soeiro da Costa, alcaide de Lagos, era homem nobre e fidalgo, criado de moço pequeno na camara de el-rei D. Duarte, e que se acertára de ser em mui grandes feitos, como elle fôra na batalha de Monedro, com el-rei D. Fernando de Aragão, contra os de Valença; e assim no cerco de Balaguer (1413), em que se fizeram mui grandes cousas, e foi com el-rei Ladislau, quando barrejou a cidade de Roma (1404); e andou com el-rei Luiz de Proense em toda sua guerra (1409 a 1411), e esteve na batalha de Arincourt (1415) que foi uma mui grande e poderosa batalha, entre el-rei de França e el-rei de Inglaterra; e fôra já na batalha de Valmont, cabo de caes, com o condestavel de França, contra o duque de Ossestre, e na batalha de Monseguro, em que o conde de Foix e o conde de Armagnac; e na tomada de Soissons, e no de cerco de Arras (1414), e assim no de cerco de Ceuta, nas quaes cousas sempre provou como mui valente homem de armas.»

Vê-se que Soeiro da Costa, apesar de *creado de pequeno* na camara de el-rei D. Duarte (nascido em outubro de 1391), começou a figurar pela cavallaria em 1404. Esta chronologia e o silencio de Azurara, tornam mui pouco verosimil, senão impossivel, o figurar no caso dos *Doze de Inglaterra* e nas guerras em ajuda do duque de Lancastre, contra Castella, anteriores áquelle anno de 1391.

SUPRANUMERARIOS

13.º — João Fernandes Pacheco.

Foi irmão de Lopo Fernandes Pacheco, atrás nomeado, e por mal premiado por D. João I, se passou a Castella, finda a guerra, e ali foi por Henrique III, em recompensa de serviços prestados, premiado com a villa de Belmonte na Mancha de Aragão. De sua filha D. Maria Pacheco, mulher de Rodrigo Telles Giron, nasceram os dois maiores senhores de Hespanha, D. João Pacheco, que foi duque de Escalona, marquez de Vilhena e mestre de Santiago, e D. Pedro Giron, mestre de Calatrava, auctor do condado de Uesna, que depois foi o ducado de Ossuna, e que esteve em vesporas de casar com a rainha D. Isabel, a catholica, se a morte o não atalhasse estando fazendo-se prestes para a ir receber por esposa.

Ácerca de João Fernandes Pacheco, dizia João Bernardo da Rocha, em 1851, na sua *Revista de Portugal*, o seguinte: «Em Segovia vimos um convento edificado por um dos mais famosos portugueses na historia de Portugal, João Fernandes Pacheco, o que venceu a batalha de Trancoso e ajudou muito a ganhar a de Aljubarrota.

Saiu ao fim da guerra para Hespanha, aggravado de João I, que não lhe remunerou os serviços como elles mereciam. Em Hespanha, por notaveis serviços ao seu novo rei, foi feito marquez de Vilhena, e d'elle descendem as principaes familias da nobreza de Hespanha.

Sucedeu achar-se esse brioso cavalheiro em Segovia, aonde, por intrigas ou ciumes, saíram a elle tres assassinos bem armados, que o accometteram com suas espadas subitamente, tirou a sua Fernandes Pacheco e offendendo mais que defendendo-se, em breve espaço deixou mortos os tres rufiões. Sendo tão legitima a defeza, foi o nobre caudilho obrigado por penitencia a edificar esse convento».

14.º — Vasco Annes Corte Real.

«Foi o primeiro que teve este nome, que el-rei D. João I deu pela facilidade com que se offerecêra ao desafio dos cavalleiros de Inglaterra, onde foi com onze companheiros sobre o aggravado das

damas iuglezas, em que entrou Alvaro Gonçalves, o *Magriço* de alcunha. Foi este Vasco Annes fronteiro mór de Tavilla, grande cavalleiro, e de tão prodigiosas forças, que excedem o credito humano. Achou-se em varios trances, e dos mais arriscados. Na tomada de Ceuta por el-rei D. João I foi o primeiro que por força de armas entrou os muros d'esta famosa e poderosa cidade, e arvorou sobre elles o primeiro pendão, sendo o derradeiro que da frota saltou em terra, e com haver na defenção dos naturaes grande resistencia e repugnancia, accommetteu com tanto animo e ousadia, que foi occasião de a el-rei tomar mais depressa do que cuidava. Como escreve Jeronimo Corte Real, seu parente, no seu *Naufragio*, cant. 13.º, d'onde por este feito tomou por timbre de suas armas dos Corte Reaes, que já então tinha, um braço armado com uma lança d'ouro na mão com o ferro de sua côr, e uma bandeirinha de duas pontas com os troçaes d'ouro, como hoje trazem os do appellido de Corte Real, e o escreveu o douto padre Viagas na dedicatoria sobre os sete psalmos penitenciaes. Inda que o mais certo é, que este timbre deu el-rei D. João II aos que descendem de Vasco Annes Corte Real. Este foi o cavalleiro que em Inglaterra venceu a um inglez, em desafio, que trazia por armas a cruz simples vermelha, que elle por memoria de seu vencimento applicou ás suas antigas armas dos Costas (que são seis costas de prata em duas palas em campo vermelho) e após em chefe em campo de prata (F. S. Toscano, *Parallelos*.)

III

Certos de que as seguintes narrativas de desafios de tantos por tantos, os dois primeiros em Africa em 1526 e 1540, e o outro em Diu em 1533, aquelles referidos por Fr. Luiz de Sousa e este por Couto, serão bem acceitas do leitor, aqui lh'as offerecemos; ellas provam o quanto era entre nós usado esta especie de combate.

«Mas não é para ficar em silencio outro caso do dia da briga que muito lhe mitigou ao capitão o desgosto d'ella. Estava nas tranqueiras cheio de paixão e raiva; parte pela falta que julgava lhe fizeram os seus em não voltarem todos com elle, quando os chamou: parte por vêr nas pontas das lanças dos mouros as cabeças dos nossos que foram mortos no recontro; quando vio chegar um mouro e pedir licença para lhe fallar, que mandado dizer o que queria, fallou assim: «O alcaide meu senhor vos faz saber que elle está n'aquelle facho, descontente do pouco que hoje fez,

e muito desejoso de entrar em campo com vosco, ou de corpo a corpo, ou de tantos por tantos. Se aceitaes a offerta, elle segura o campo, e promette cumpril-a.» Nenhuma cousa podera então succeder que mais desassombrára ao capitão da melancolia com que se achava. Alegrementemente e sem nenhuma alteração: — «Cavalleiro, disse, de mim tendes cincoenta cruzados e um capilhar d'escarlata, se fazeis com o alcaide que cumpra o que dizeis; que eu da minha parte estou prestes e me vou para elle:» e chamando a João de Deus, um cavalleiro que fôra cativo do alcaide cinco annos, mandou-lhe que fosse com o mouro, e dissesse a seu amo, que aceitava o desafio, e lhe dava a escolha dos partidos que commettia; e que não tardassem na execução, pois estavam no campo e com as armas nas mãos. E pondo as pernas ao cavallo encaminhou para o facho, dizendo a todos que esperassem em Deus vingar a magoa d'aquelle dia, se o mouro cumprisse qualquer das condições que offerecêra. Mas o alcaide teve bom padrinho em Muley Abraham, que sabendo o que passava se vio a elle cheio de colera, e o reprehendeu asperamente. E logo chamou João de Deus, e lhe disse com termo brando e cortez: «Dizei-me ao senhor capitão, que por mercê lhe peço, que não faça caso das palavras vãs de meu cunhado, que é homem mais montanhez, que entendido em lanços de aviso e cortezia, e já estava conhecido de seu erro, e bem arrependido de lhe ser pesado n'esta conjuncção.»

(Sousa — *Annaes de D. João III*, pag. 189.)

«Despede-se o anno de 1540, com um honrado successo da fronteira de Safim, de que temos relação por uma carta original do capitão D. Rodrigo de Castro para el-rei, que me pareceu digna de ir copiada assim como nos veio da Torre, sem tirar nem acrescentar lettra. É a que se segue: — «Senhor. Mandou o Xarife ao Alcaide Bodibeira, e a seu irmão o Alcaide que foi de Dará, com os Xeques e Arahala de Xiatuna, e os Dabia e Garabia, e a metade da Enxouvir, em que haverá mil e quinhentos de cavallo, e muita gente de pé que com todos os seus Aduares se viessem por á roda d'esta cidade. Huns estão da Atalaia gorda para dentro: e . . . está na Varzea de Gornis; e outros estão da banda de Villa Velha. Os quaes nos tem cercados, sem podermos sahir fóra dos vales: e ás tranqueiras jogão todos os dias ás lançadas comnosco, onde, louvores a Deus, lhe matámos e ferimos muitos mouros; e elles nos tem feito perder á fome a maior parte dos cavallos, e se Vossa Alteza antes de um mez nos não mandar acodir com mantimento, perder-se-ão todos, e a maior parte da gente que aqui ha estamos em meias rações pelo pouco trigo que nos

veio, e pela muita guerra que temos; porque o serco que temos he mui grande, tirando sermos combatidos com artilharia; porque isso só nos falta.

A 29 de dezembro me mandou o Alcaide Bodibeira desafiar, dizendo que elle queria dar quatro cavalleiros do Xarife, os quaes se matariam com quatro christãos, sobre quaes eram melhores cavalleiros. E o porque isto fez, foi pelo muito nojo que lhe faziamos, sendo nós poucos e elles muitos. E eu acceitei o desafio, por me parecer que n'isso servia vossa alteza, por elles não irem com esta honra adiante. E vespora de janeiro me alevantei mui cedo; e depois de ouvirmos missa, lhe mandei dizer que acceitava o desafio. Elle mandou logo levantar os fachos que tem de redor de nós; e veio com os quatro cavalleiros que trazia escolhidos para isso. Eram Amor Benga Neme, e Falhavra, e Ale Ben Mafamede, e Cide Narzocco, os quaes são os mais experimentados e melhores que tem el-rei de Marrocos. E entre nós houve grande prazer com este desafio: e logo me pediu meu filho D. Diogo licença para lhe sair; e ainda que elle não he mais que de dezeseis annos, pela confiança do que lhe tenho visto fazer, o ouve por bem; e dei-lhe por companheiros Fernão do Carvalhal, e Alvaro de Moraes, e Lopo Barriga Adail.

Assentamos, o Alcaide e eu, ser o campo em que se haviam de matar entre nós e elles, e eu estar de dentro das tranqueiras com toda a gente de cavallo e de pé, e os mouros de fóra arredados, para que dessem logar para se poderem matar entre nós e elles. Tanto que eu fui no campo, deixarão cahir os fachos; e os outeiros e vales forão cubertos d'elles, e assim o erão os nossos baluartes e torres de mulheres e homens que hião ver o desafio. E logo lancei meu filho com seus companheiros fóra das tranqueiras, os quaes se forão por no campo que tinhamos assignalado. E elle apartou os quatro mouros e vierão a passos contados, e não se quizerão chegar aos nossos. Então mandei quatro ou cinco recados ao Alcaide, disendo-lhe por que não mandava os seus cavalleiros matarem-se com os christãos, pois os mandara desafiar, e elle mandou-me diser que logo se chegarião: e a sua gente não fasia senão chegar-se pelas ilhargas. E quando aquillo vi mandei aos nossos que fossem a elles: e como os mouros os virão ir perto de si, forão fugindo ate onde estava o Alcaide: e os nossos ficarão onde elles estavam: tocarão as trombetas e a nossa gente deu-lhes uma grande grita, de que elles ficarão muito corridos: e o baluarte novo disparou a artilharia; por que tinha eu mandado que lhe não tirassem até o desafio não ser acabado. Estiverão os nossos no campo até á noute. Ouve-os por vencedores do desafio, e fiz meu filho cavalleiro. No dia seguinte me mandou o Alcaide

grandes desculpas, e todas frivolas. Nosso Senhor, ect. — De Sa-
fim a 5 de janeiro de 1541. — *Dom Rodrigo de Castro.*»

(Sousa — cit. *Annaes*, pag. 309 e seguintes).

«N'estes dias que se detiveram succedeu este caso. Como os nossos estavam em tregoa, e vinham os grandes de Cambaia ver a Armada, e os Portugueses hiam a terra á Villa dos Rumes a ver o exercito que alli estava, (que era cousa formosissima de ver). Entre estes foi um dia Manuel de Macedo, capitão de Chaul, (que tinha ido com o Governador para o acompanhar), e andando vendo, e notando o exercito, encontrou-se com um Rume, que se chamava entre os Mouros o *Tigre do Mundo*, genro de Coge Sofar, homem façanhoso assim em corpo, como em forças, que era como Guarda mór d'El-Rei, e andava sempre ao longo d'elle. Este como se presava de grande cavalleiro, e era muito soberbo, e arrogante, em passando pelos Portugueses parece que os encontrou de má feição, e foi torcendo os bigodes por bizarrice. Tomado Manuel de Macedo d'aquelle negocio, foi-se para o Galeão do Governador, e lhe contou o caso, pedindo-lhe licença para mandar desafiar Rumecan, por que convinha assim á sua honra: o Governador como tinha grande confiança em Manuel de Macedo, e aquelle negocio todo vinha a redundar em gloria, e honra dos Portugueses, concedeu-lho, o que elle houve por mercê mui assignalada. Logo fez um cartel de desafio ao *Tigre do Mundo* em lingua Persia e lho mandou por João de Sam Thiago, em que o desafiava de pessoa a pessoa ou tantos por tantos, e que o lugar fosse entre a fortaleza de Dio, e o exercito, cada um em sua Fusta de remo. O *Tigre do Mundo* acceitou o desafio de tantos por tantos, por que quiz n'elle metter alguns Rumes seus amigos. Este numero de quantos foram não achámos na fortaleza, e n'este negocio ha nos homens grandes disconcordancias; por que nos dizem que foram dez por dez, outros que trinta por trinta. Emfim como quer que fosse, começou a haver entre os Portuguezes grandes alvoroços, por que os mais dos Fidalgos, e Capitães queriam ser do numero; mas o Governador mandou, que fossem os que primeiro se offereceram a Manuel de Macedo, que foram Manuel Rodrigues Coutinho, Antonio de Sá o Rume, João Jusarte Tição, Gonçalo Váz Coutinho. Estes Fidalgos só achamos nomeados; e por que os soldados se não aggravassem de ficarem de fóra em negocio tão honrado, escolheu o Governador dois, um chamado João Velho, e outro Francisco Gonçalves das Armas, pelas ter sempre muito boas, e se presar muito d'ellas. E o dia aprasado se vestiram todos muito rica e louçamente, levando todos collares de hombros, medalhas, perolas, e espadas ricas, por que tudo isto

lhes deram com muito gosto os que o tinham. As armas que levavam erão espadas, e adagas, e rodellas. E assim muito custosamente ataviados se embarcaram em uma galeota rija, e forte, que para isto escolheram, guarnecida com seu toldo de seda, e de formosas bandeiras de côres, com charamelas, e outros instrumentos de alegria, e foram salvar o galeão do Governador, e entraram nelle a lhes dar sua vista. O Governador os sabio a receber fôra da tolda, abraçando a todos mui alegre, folgando de os ver tão gentis-homens, e acompanhando-os até a bordo do galeão, ao despedir-lhes disse: — *Senhores Fidalgos, e Cavalleiros, eu não tenho que vos lembrar, mas só vos lembro, que ides pelejar por honra de nossa nação: a victoria está certa, vá Deus convosco.* Embarcados na galeota foram-se pôr no posto a esperar os inimigos. Na Armada havia grandes alvoroços, e invejas, e as enxarceas dos galeões, e as gaveas estavam todas cheias de gente para verem o desafio, ainda que de longe. Os nossos esperáram todo aquelle dia sem os inimigos virem, e tanto que anoiteceu recolheceram-se para junto da Armada, e em amanhecendo tornáram-se ao posto sem tambem os virem demandar, nem ao outro dia que foi o terceiro. E acabado o dia, havendo-se por desobrigados salvaram a Cidade com algumas bombardadas, e depois com charamelas, e trombetas, e foram-se recolhendo para a Armada, e nunca se soube a razão por que os inimigos lhe não sahiram; mas soube-se que Rumecan Capitão geral do exercito ficára mui pesaroso, e sentira muito aquella affronta, ficando desta vez os Rumes muito desacreditados»¹.

JOÃO TEIXEIRA SOARES.

¹ Couto, Decada IV, liv. VIII, cap. VIII, paginas 258 e seguintes da edição de 1778.

MONUMENTOS DA LITTERATURA PORTUGUEZA

V

UMA CARTA DE AMORES DO SEculo XV

Sr.^a de mim vossas squivanças e menencorias de mim q.^{to} mais crueis q.^{to} com maior coracam e firme vont.^e me faço disposto a sofrer pois q̃ asy vos sirvo e pois vosso naci nom he duvida q̃ vosso aja finicer assi q̃ ho maior tormento de vossa merce p.^a mim me say em maior gloria q.^{do} consiro que os milhores namorados q̃ ja ante pasaram e os q̃ presente sam louvaram os q̃ damores morreram boos e verdadeiros por mais bem aventurados antre os naicidos asy minha vida quero screver como vossa merce por esta maneira alguas vezes he atalho p.^a mais asinha acabar ora pois vosa tencam he dobrar-me payxoens e fadigas e chegar-me a tal fim por bem amar eu nom diguo (ou nom digno) findar de vossa merce doje amante disponho minha alma e coracam a q.¹ q.^r morte e tormento a mim triste per vossa merce ordenado aprouvese a noso Sõr q̃ vosso amor fose meu acabam.^{to} q̃ mais quero em vosas maaons acabar q̃ em maaons doutrem ninguem annos prolongados viver ainda q̃ certo as payxooens de q̃ já dantes me fizereis merce me traziaõ assy tam mal tractado q̃ a meu juyzo eram bem q̃ abaste q̃ por minha fe em em fim da merce vos tenho minha vida chegar-me *vossa vossa merce* (ou *nessa vossa merce*) (ou *nisso*) a

morte por tal modo q̃ mais quero q̃ me trazer em hũa tam brava
payxam como stava e mal vivia aqui cerro meo vivo martirio com
maior speranza de morte q̃ vida rogando a nosso Sõr q̃ me de
tanto tempo q̃ possa antes de minha morte veer quem me mata.

Yo fiz esta sepultura

sintindo venir la morte
por amar *lla* formosura
sam venido a esta sorte ¹



¹ Em hum Caderno de Nota de Prazos, do Most.^r de Refoios de Basto, q̃ principia em 9b.ro da Era de 1442, e acaba em 1452. A Letra desta Carta, Rescunho, ou Copia he coeva, ou quasi coeva: eu ponho-a nos fins do Seculo 15, ou principio do Secl. 16.

HYMNO DE JUDAS

(AO MEU ILLUSTRE AMIGO TEIXEIRA BASTOS)

Na figueira de Hacéldama, suspenso
O cadaver de Judas se balouça
Aos ventos. Esse corpo, mergulhado
Na fria morte, em sombras fluctuando
Como uma ideia má n'um craneo escuro,
Era a primeira victima de Christo.

II

«— Senhor! foi muito grande a dôr porque passaste,
Ajoelhado no Horto:
Morria ao pé de ti a flor pendida na haste,
Soluçavam ao longe as ondas do Mar-Morto.

«Era surdo o rumor dos negros olivaes,
Teu coração exangue,
E o vívido fulgor dos astros immortaes
Cahia sobre ti, como gotas de sangue.

«A estrada do Calvario era cheia de espinhos,
Pesado era o madeiro:
E tu atravessaste os asperos caminhos,
Indo morrer na Cruz, como um manso cordeiro.

«O mundo todo víra, n'esse dia
De luto e de saudade,
Realisar-se a hebraica prophécia,
E, co'a morte do Justo, a humanidade
Achar a luz no pranto de Maria.

«E rolaram os montes escarpados,
 As rochas de granito,
 Os céos, como um defuncto amortalhados,
 Tremeram nos abysmos do infinito. . . .
 Os ventos deram ais desesperados.

«Só se escutavam maldições nas praças :
 Chorava o moço e o velho. . . .
 E a mais mesquinha e misera das raças
 Preparava a poesia do Evangelho,
 N'aquella dôr, n'aquellas ameaças.

«Vira-se um vulto lugubre, offegante,
 Receioso de tudo,
 Deixar Jerusalem, e n'esse instante,
 Como um phantasma dolorido e mudo,
 Sumir-se ao longe, na amplidão distante.

«Muito tempo soaram os seus passos
 Pelo caminho eterno :
 Ashvero ! Que tristeza os olhos baços
 Lhe obumbrava, como um pallor do inferno !
 Nem vós o socorrestes, crus espaços !

«Elle ía cabisbaixo, macillento,
 E, como a onda do mar,
 Levava uma ancia grande, um vivo alento,
 Porque n'aquelle eterno caminhar,
 Symbolisava o nosso pensamento.

*

«Assim que resurgiste, o Universo tambem
 Voltou a observar as leis absolutas :
 A criança a sorrir ao collo de sua mãe,
 A féra a adormecer em paz dentro das grutas ;

«Magdalena a enxugar a face lacrimosa,
 Um Deos a proferir palayras de perdão ;
 A abrir-se, como um templo, a esphera gloriosa
 Onde feliz descança a alma do Bom-Ladrão ;

«O amor a abençoar os rios e as aldeias,
 A unirem-se outra vez as rochas de granito ;
 O oceano a gemer no leito das areias,
 O sol a illuminar os campos do infinito ;

«A vestir-se de azul o vasto firmamento,
 A esp'rança a florescer nos peitos dos Judeus:
 — Só a minha alma vae, perdida como o vento,
 Sem alcançar perdão dos homens nem de Deus!—»

III

Um seculo após outro tem passado,
 E mil vezes o Sol alumiado
 Os montes da Judeia:
 Ninguém ainda desmentiu o insulto
 Que o cadaver de Judas, insepulto,
 Arremessou á Ideia.

Elle era um miseravel, um bandido,
 Que se entregou á morte arrependido,
 Mais austero na dôr que o Bom-Ladrão.
 — Ó céo escuro, gélido, cerrado!
 Deus não perdoa ao filho abandonado,
 Mas perdoemos nós ao nosso irmão.

Porto, 27 de janeiro de 1880.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

VARIÉDADES

QUESTÕES PREHISTÓRICAS

No penultimo numero dos *Materiaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*¹, o sr. Cazalis de Fondouce publica um interessante artigo sobre o *Emploi de la Callaïs dans l'Europe occidentale pendant les temps préhistoriques*, onde apresenta um problema da maxima importancia, cuja solução póde contribuir valiosamente para esclarecer as origens remotissimas dos povos occidentaes da Europa. Como este assumpto interessa directamente a Portugal porque se baseia em objectos de archeologia prehistorica encontrados no nosso paiz, daremos aqui uma breve noticia do excellente artigo do sr. Fondouce.

Todos quantos percorreram o museu da Secção de Geologia, aberto por occasião do Congresso de Anthropologia, estarão lembrados de certo de ver entre as antiguidades expostas um grande numero de contas e pingentes de uma substancia esverdinhada ou azulada, muito semelhante á turqueza. Estes objectos são evidentemente restos de collares e adornos usados nos tempos prehistoricos pelos habitantes dos dolmens e grutas, onde se têm encontrado.

Á materia de que são feitas deu-se o nome de *Callais*, empre-

¹ xvii année — 2.º serie, tome xii — 1881 — Avril.

gado por Plino na descripção de uma pedra preciosa de um verde pallido, que segundo parece é a mesma de que se trata. «O *Callais*, diz o sr. Fondouce é uma especie mineral, azul ou verde, que se approxima da turqueza oriental por certos de seus caracteres exteriores e pela sua composição chimica, e não differe d'ella senão por um equivalente de alumina.» Os primeiros exemplares d'estes objectos foram achados no Mané-er-H'roek, em Lockmariaquer, no Morbihan, em numero de cincoenta. O callais encontrado n'este tumulo era «talhado em fórma de pingentes ovoides e em contas de collar de diversas grossuras desde a de uma lentilha até á de um ovo de pomba. Estas contas, arredondadas e polidas nos seus contornos, appresentavam pela maior parte duas superficies planas oppostas e perfuradas mais ou menos symmetricamente para o centro.» Encontraram-se objectos da mesma substancia e com as mesmas fórmas, na Bretanha, nos dolmens da Trinité-sur-Mer (Quiberon), de Keriaval, do Mont Saint Michel, de Tumiac, do Moustier Carnac, e de Kercado. Em França encontra-se em grande abundancia nas provincias do sul, ao passo que é raro no interior. Na Provença, na galeria do Castellet, acharam-se 114 perolas, e nos Altos Pyreneus, perto de Lourdes, descobriu-se outra porção n'uma galeria do *plateau* d'Ossun. No norte da França só se encontraram ainda umas quatro ou cinco perolas em grutas e dolmens differentes e a substancia de que são feitas ainda não está bem determinada. Em Portugal tem-se encontrado objectos de callais no dolmen de Monte Abrahão, nas grutas naturaes da Furninha (uma) e da Casa de Moura e nas artificiaes de Palmella; d'estas ultimas grutas extrahiram-se 214 objectos de callais de todas as dimensões e de fórmas diversas, alguns dos quaes são tão grandes como os do Morbihan.

Depois de fazer a exposiçào que acabamos de resumir, o sr. Fondouce põe as seguintes questões: «Quaes são os jazigos naturaes d'esta substancia? a que epoca pertencem os tumulos que a contem? quaes são os povos que se adornaram com ella?»

Emquanto ao primeiro ponto affirmam os geologos da Bretanha, Hespanha e Portugal que não existem n'estes paizes nenhuns jazigos de callais. Em França, porém, encontrou-se a turqueza na mina de estanho de Montebras, em Creuse, juntamente com outras pedras raras, e esta mina parece ter já sido explorada em tempos prehistoricos; mas no centro da França os objectos de callais são extremamente raros ao passo que são abundantissimos na Provença, onde nem sequer ha filões de estanho. Plinio diz-nos que: «O callais acha-se para lá das Indias entre os Phycaros que habitam o monte Caucaso e tambem entre os Sacios e os Dacios. O que vem da Caramania é o mais puro e o mais agradavel á

vista...» Como quer que seja tem de se considerar por'ora a origem do callais prehistorico como exotico, isto é, como transportado de fóra para a Provença, Bretanha e Portugal, onde se encontra em abundancia nas sepulturas. É esta a opinião do sr. Casalis de Fondouce.

Passando-se á segunda questão, vê-se que na sepultura do Mané-er-H'roek os objectos do callais foram encontrados á mistura com machados de pedra pollida; nas grutas do Cartellet havia não só d'estes machados, como tambem utensilios de barro com ornatos em dentes de lobo, contas de ouro e instrumentos de bronze; nas grutas de Palmella encontraram-se igualmente objectos de bronze ao lado de pedaços de silex. Estes e alguns outros factos levam o sr. Fondouce a escrever «que o callais fez talvez a sua apparição na Europa occidental no fim da época neolithica, mas que foi principalmente importado e utilizado nos primeiros tempos da idade de bronze».

Procurando responder á ultima questão, nota primeiro o auctor que o callais não se acha indistinctamente em todos os tumulos neolithicos ou do começo da época de bronze, mas apenas n'uns determinados. Só por excepção se encontraram em alguns dolmens, emquanto que o maior numero tem sido extrahido de quatro grupos de sepulturas que marcam visivelmente a passagem do periodo dos dolmens para outros posteriores, em que a architectura dolmenica é ainda imitada mas com grandes desenvolvimentos e modificações. O grupo do Morbihan é o que se aproxima mais dos dolmens e tem quasi a mesma disposição do dolmen de Monte Abrahão, em Portugal; d'este typo passa-se facilmente para o da galeria do plateau de Ossun, e d'este para o do Cartellet, na Provença, que ainda se afasta mais do typo primitivo. As grutas de Palmella ligam-se intimamente ás galerias dos arredores de Arles, mas já não conservam dos dolmens mais do que a disposição geral. São evidentemente da mesma familia a sepultura do Monge e outras nas proximidades de Cintra. «Nós podemos pois affirmar, escreve o auctor, que os povos que se adornaram de callais são talvez d'aquelles que construíram os dolmens, e com certeza dos que herdaram os habitos d'estes ou os adoptaram e que se mostraram na Bretanha, ao longo dos Pyreneus, na Provença e em Portugal». Os objectos encontrados com estes adornos estabelecem bem as relações e as affinidades entre estes povos e d'estes com outras povoações do occidente da Europa, e principalmente com as da Irlanda.

O sr. Fondouce lembra «que a terra iberica chegava quasi até ao Rhône; que as galerias cobertas da Provença são situadas sobre a margem esquerda d'este rio, onde começava a terra dos

Liguos no tempo de Avienus; que este poeta geographo fixa a residencia primitiva d'estes Liguos ao nordeste da Hespanha, d'onde foram expulsos pelos Celtas conquistadores aproximadamente 1:600 annos a de J. C.; que Thucydides, Euphoro e Philisto de Syracusa asseveram os mesmos factos nos seus escriptos». Por outra parte são evidentes as analogias entre as sepulturas da Provença e muitas da peninsula iberica, o que leva o sr. Fondouce a perguntar se esses tumulos devem ser attribuidos aos Liguos?

O auctor termina assim o seu estudo: «Os trabalhos de M. d'Arbois de Jubainville, de M. E. Desjardins e outros parecem estabelecer de um modo inteiramente provavel a origem indo-europêa dos Liguos. Esta guarda avançada da invasão celtica não teria passado pela Bretanha e pela costa occidental do Oceano, para chegar ao sudoeste da Hispania, e d'ahi ás margens do grande golpho mediterraneo que tem ainda o seu nome? Não sepultariam os seus mortos nos dolmens, depois nas grutas artificiaes, cuja intima ligação com aquelles mostramos? M. Henri Martin não fallou, n'uma communicacão ao congresso de Lisboa, de relações antigas entre Portugal e a Irlanda, e M. Cartailhac não disse egualmente que essa fôrma de flechas de bordas direitas e de angulos vivos, que se encontra na Irlanda, no littoral oceanico francez, em Portugal, na Provença, é extremamente rara no centro da França?»

O sr. Fondouce limita-se a pôr estas questões, esperando de certo que novos elementos venham confirmar ou destruir a sua hypothese.

TEIXEIRA BASTOS.

BIBLIOGRAPHIA

I

O Homem e o Macaco, por Arruda Furtado — Ponta Delgada 1881

Apesar do auctor declarar no sub-titulo que a sua obra é *uma questão puramente local*, o folheto do sr. Arruda Furtado merece a attenção da critica, porque não se limita a uma simples polemica, como parece á primeira vista. O sr. Furtado, respondendo a um padre da localidade que ornou um dos seus sermões com algumas apostrophes calumniosas e insultantes endereçadas aos homens de sciencia, faz um breve e bem pensado resumo da doutrina darwiniana. A materia, além de bem exposta e bem condensada, é apresentada n'um estylo claro e facilmente comprehensivel aos leitores menos letrados, porque as imagens, de que o auctor se serve, primam pela simplicidade e estão postas ao alcance das intelligencias menos cultas. É um trabalho de vulgarisação, e está n'isto o seu maior elogio. A sciencia precisa descer das summidades litterarias, onde até hoje tem estado monopolizada. Para se combater com efficacia o conservantismo das velhas tradições na consciencia do povo, é preciso que desça ahi a luz brilhantissima das leis scientificas, que, destruindo a influencia nefasta das classes privilegiadas, e em especial a do clero, produza a crise salutar d'onde ha de sair triumphante o moderno ideal em todos as suas manifestações. Infelizmente os escriptores scientificos não escrevem para o povo. A tecnologia scientifica é completamente incomprehensivel para quem não possua um curso secundario pelo menos, e como os auctores não procuram destruir esse inconveniente com a clareza e simplicidade do seu estylo, as obras de sciencia não passam d'um publico limitado.

Ha capitulos de sciencia tão interessantes, ou, ainda mais, como o melhor romance de sensação; e logo que a litteratura scientifica desprese completamente a preocupação rhetorica do estylo e o egoismo de classe no emprego

exclusivo da sua terminologia especial, procurando ser clara, intelligivel para todos, o povo ha de lêr esses capitulos e adquirir os conhecimentos de que carece para poder saccudir de vez o jugo traiçoeiro e violento dos inimigos da liberdade. O sr. Arruda Furtado compenetrrou-se d'esta alta missão de homem de sciencia, e o seu folheto é um opusculo utilissimo de propaganda scientifica.

Transcrevemos alguns periodos para o leitor julgar da verdade do que dissemos:

«Não ha sabios que acreditam que o homem descende do macaco. Quem diz isto, é quem está habituado a explorar a vaidade e o orgulho do homem, e que lh'os assopra ainda mais, para lh'os explorar ainda melhor.

«Em quanto o homem ignorou as leis que regem o universo, e desconheceu a estrutura dos outros astros, que hoje a analyse espectral lhe revela com segurança, não pôde varrer de si o que lhe haviam incutido a respeito do papel que elle representava na natureza. O mundo apparecia-lhe feito por um deus que se divertia mandando á humanidade chuvas, ventos, castigos, premios, e tendo criado os outros astros como luzeiros postos no céu, talvez para nos vêr brincar melhor. O mundo era assim como um palco illuminado por um grande lustre pendurado a meio do theatro, e em que deus mudava scenas com diluvios parciaes e totaes.

«Isto caiu completamente.

.....
 «As coisas são o que são, e não o que a vaidade ou os fins mercenarios de alguns homens pretendem que ellas sejam. Embora um homem se horrorise em pensar que um macaco produziu a humanidade, as leis da natureza são cegas e fataes na sua marcha: o homem continuará a nascer parecido com o macaco e o macaco continuará a nascer parecido com o homem.

«Fazei todas as procissões que quizerdes; prégaes muitos sermões; vociferae contra a sciencia; rezae e jejuae como vos approuver: isto continuará a succeder assim, e, ainda mais, os filhos não deixarão de nascer com cara de idiotas uma vez por outra, e os paes leval-os-hão assim ás pias do baptismo.

«A similhaça do macaco com o homem, é um facto que o povo mais do que ninguem se diverte a mostrar. Ide por uma aldeia com um d'esses homens de realejo e mandril, e ouvireis em todas as bocas: «*Parece mesmo ser gente.*» Esta similhaça, reconhecida pelo proprio povo, impressionou mais de perto os homens de sciencia (cita-se Darwin principalmente), e elles disseram: *não que o homem e o macaco d'hoje eram descendentes um do outro, mas sómente que ambos deviam ter sido produzidos pela transformação d'um animal perdido e mais caracterizado como macaco do que como homem.*

«Eis o que se disse e o que se diz, e, se isto se não prova, o contrario tambem não.»

Em seguida o sr. Furtado expõe em poucas palavras a doutrina de Darwin: o que é a evolução animal, a differenciação, a selecção das especies, etc.:

«Os orgãos que têm de servir para a adaptação a um meio, crescem e transformam-se; os que não têm de ser chamados a desempenhar função alguma no meio novo, vão-se atrophando, mas conservam-se ainda por muito tempo em algumas especies no estado rudimentar. Todos esses orgãos que nos parecem inuteis em muitos animaes, não são mais do que orgãos que, em outro tempo, prestaram grande serviço, não são mais do que *orgãos rudimentares*. Assim, os orgãos de lactação, completamente inuteis no homem e em todos os machos dos outros mammiferos, obrigam-nos a suppôr que o não foram sempre e que são apenas restos de antigo hermaphrodismo, *restos de maior quantia*. Os vestigios, na mulher, de orgãos sexuaes masculinos e os rudimentos de utero que se tem encontrado no homem, confirmam isto ainda mais. Os *orgãos rudimentares* similhaentes, ainda que existentes em

especies differentes profundamente no resto, são as testemunhas de que essas especies tiveram uma origem commum. Taes são os órgãos de lactação nos machos de todos os mammiferos.

«O homem tem um rudimento de cauda, o *coccyx*, com musculos proprios, e as suas orelhas têm tambem musculos proprios. Apesar d'estes musculos, elle não póde mover a orelha nem a cauda rudimentar; mas elles indicam sufficientemente que o homem vem de ascendentes cujas orelhas e cauda eram, pelo contrario, bem desenvolvidas e servidas por musculos mais extensos e activos, de que os actuaes são um resto impotente.

«A formação d'um organismo complicado póde pois comparar-se á formação de uma vasta fabrica que começou pobre. A fabrica começou n'uma aldeia, com um ou dois operarios, com um pequeno numero de instrumentos imperfeitos, sem divisão do trabalho, satisfazendo apenas aos moradores d'aquella aldeia, que alem d'isso pagavam mal. É o organismo começando tambem n'um meio fraco, com um pequeno numero de órgãos que se mantinham por terem pouco em que se exercer. Pouco a pouco a aldeia foi prosperando e o fabricante poudé melhorar os seus instrumentos, metter mais operarios, e foi mesmo obrigado a isso para não perder a freguezia; mesmo a concorrência de outra fabrica veio obrigar-o a inventar modificações nas suas machinas, no sentido de produzir melhor e mais barato. É o que se dá no organismo, quando o advento de novas condições de vida e a concorrência de outros organismos, o obriga a applicar diversamente os órgãos que tem, chegando a fazel-os mudar completamente de destino, modificando-os, creando mesmo outros, sem o que a vida não poderia manter-se. Na fabrica, os intrumentos primitivos cessaram de servir e foram-se pouco a pouco vendendo para equilibrar a aquisição de instrumentos novos. No organismo, alguns órgãos poderam ser dispensados e deviam mesmo sei-o, reduzindo-se em proveito dos órgãos novos, unicos capazes de reagir contra as acções do meio. O fabricante começou a exportar para as aldeias vizinhas, a encontrar novos concorrentes, a adoptar-se incessantemente e com vantagem, a casa cresceu, o trabalho dividiu-se cada vez mais, cada operario tomou a seu cargo uma cousa só, os grupos d'operarios obedeciam aos seus chefes, e estes ao director geral. O organismo começou a locomover-se facilmente e a invadir novos meios, e tambem a encontrar novos concorrentes e a adaptar-se incessantemente e com vantagem, adquirindo sempre uma maior especialização das suas funções até se chegar a fazer entre os *meridas* uma perfeita *divisão do trabalho physiologico*, como entre os operarios se fez a divisão do trabalho industrial. Umás cellulas uniram-se de todo para a masticação, outras para a digestação, outras para segregarem e expulsarem o que fosse improprio para a nutrição; umas tornaram-se obedientes e executivas, e outras como os musculos do coração e o cerebro, tendo podido crear-se uma maior autonomia, trabalham como independentes, dirigindo o trabalho das outras.

«Eis o que é por fim de contas um homem, e isto quasi se demonstra á evidencia pela comparação com outros animaes.»

Pelo ultimo trecho transcripto o leitor verificou o que dissemos ácerca dos esforços que o author fez para se tornar comprehensivel, por meio de imagens singelas, a todos os seus leitores até ao menos lido em assumptos de sciencia. Este trabalho é digno da justa apreciação que já hoje gosa o excellent collaborador d'esta revista, e ao qual cabem perfeitamente as seguintes palavras escriptas pelo author a pag. 5 do seu opusculo: *Atacae, aggredi sempre assim: são sermões de quaresma que passam; depois d'elles ha sempre algumas paginas, menos desleaes, que ficam.*

II

L'Inde Française en 1880, par Eugène Gibert, secrétaire de la Société Académique Indo-Chinoise. — Paris. Challamel Aîné Éditeur, 1881.

O sr. Eugène Gibert, n'esta sua comunicação feita á Sociedade Académica Indo-Chineza, na sessão de 30 de novembro de 1880, resume as indicações que pôde colher no *Annuaire des établissements français dans l'Inde*, para 1880.

N'este breve trabalho encontra-se a historia da India franceza, desde a primeira expedição ruanense aos mares da India, em 1603, até aos nossos dias.

Contém, além disso, a constituição d'esses territorios, uma desenvolvida estatística da sua população, e curiosas notas sobre a lingua, topographia, climatologia, agricultura, industria, commercio, etc.

Lê-se com interesse; e agradecemos muito ao author o exemplar que se dignou offerecer-nos.

JOAQUIM DOS REIS.

Questões de Litteratura e Arte Portugueza
por Theophilo Braga
Lisboa 1881 — 1 vol. in-4.^o, 408 paginas

Saiu ha pouco do prélo este volume a que o auctor pôz tambem o titulo de *Pequenos escriptos* definindo assim despertenciosamente a natureza d'esta publicação que encerra um certo numero de trabalhos scientificos e estudos criticos, a maior parte dos quaes havia sido publicada em periodicos e revistas litterarias, e que foram agora modificados, corrigidos e augmentados de accordo com as novas descobertas feitas no campo da litteratura e da arte pelo distincto escriptor. *Estes cavacos e aparas do material em que trabalha, estas varreduras da gaveta*, como pittorescamente lhes chama o auctor, reuniu-os em volume subordinando-os ao nexo chronologico e assim prestou um bom serviço aos que estudam, porque ligou e deu a lume o que andava disperso e quasi esquecido por um numero infinito de revistas e jornaes. N'esta collecção de pequenos escriptos vem tratados assumptos de grande importancia litteraria como a questão do Amadis de Gaula ser portuguez ou hespanhol, a identidade do poeta e do ourives Gil Vicente, a reivindicação do Palmeirim de Inglaterra, etc., etc. Entre todos os artigos tem decerto o primeiro logar o que se intitula: *O Portuguez Sanches, precursor do Positivismo*, no qual o dr. Theophilo Braga prova, que Francisco Sanches na se-guuda metade do seculo xvi dando a lume o seu livro *Quod nihil scitur* foi um dos precusores do Positivismo, pois proclamou a distincção entre o cognoscivel e o incognoscivel, indo bnsçar a fórma do conhecimento ás sciencias.

O estudo sobre o *Marquez de Pombal*, que ainda não conheciamos, merece especial menção, porque o erudito professor analysa os actos do grande ministro com a imparcialidade e com o rigor imposto pelo criterio historico; Sebastião José de Carvalho e Mello é apeado do pedestal a que inconscientemente foi elevado e fica reduzido ás verdadeiras proporções de homem de certo notacel, mas bastante selvagem, ambicioso, louco e pouco a par do desenvolvimento intellectual da época. É mais um idolo partido, embora pese aos innumerados admiradores do despotico marquez. Ninguem contesta que elle praticou alguns actos bons como homem de estado, mas a triste verdade é que os seus erros e crueldades offuscam muito o vulto que nos querem apresentar como um dos primeiros portuguezes. Outro artigo curiosissimo e importante d'esta collecção é o que traz por titulo: *Joaquim Silvestre Serrão e a Musica sacra portugueza*, onde nos revela a existencia d'essa organização especial que morreu quasi desconhecida na ilha de S. Miguel.

O volume termina com dois excellentes artigos sobre os iniciadores do Romantismo em Portugal: Almeida Garrett e Alexandre Herculano, nos quaes o sr. Theophilo Braga se refere aos trabalhos de Gomes d'Amorim e de Serpa Pimentel, elogiando aquelle pelo grande numero de factos que vae accumulando sobre a vida de Garrett, e tratando este com rigorosa e justa severidade por vir especular com o publico dando á luz um livro insignificante, banal, obra de fancaria, em que compromette Herculano e injuria torpemente o critico do grande historiador e em geral todos os positivistas.

É um trabalho digno de attenção e que merece ler-se por todos os motivos. Agradecemos ao nosso amigo Thephilo Braga o exemplar com que teve a amabilidade de nos brindar.